

Nota editorial

A *Percevejo online* 5.1 traz três seções: duas de ensaios críticos voltadas para os estudos de teatro, dança e artes visuais e uma nova seção de intervenções artísticas, dedicada a poesia, a escrita performativa e as artes visuais.

Os artigos reunidos na seção *Estudos da cena* abordam, de perspectivas diversas e a partir do exame de textos e espetáculos de teatro, dança e performance, a desintegração da noção tradicional de representação e as relações e tensões entre o texto e a cena no teatro contemporâneo. Em *A manipulação da forma de Moacir Chaves*, Marcio Freitas analisa os procedimentos cênicos empregados pelo encenador carioca na construção de uma “cena teatral que opera por supressões”, marcada pela dissonância, e que explora a inadequação tanto de materiais textuais não dramáticos como de textos dramáticos resistentes à encenação. Freitas identifica na segmentação dos recursos cênicos, na gestualidade neutralizada dos atores, na ausência proposital de variação tonal das falas dos atores resultando numa sonoridade monocórdica, na independência que se estabelece tanto entre os planos sonoro e físico quanto entre o texto e a ação criando uma cena de justaposições e contrastes, a possibilidade de produção de novas significações, de leituras inusuais. E questiona o discurso do diretor que tende a minimizar precisamente aquilo “que é determinante em sua estética”.

Se no teatro de Moacir Chaves imperam as vozes monocórdicas, no do dramaturgo alemão René Pollesch nos deparamos com gritos teóricos. Para Mariana Simoni, a obra de Pollesch propõe uma articulação desierarquizada do texto e da cena, incorporando complexos textos teóricos justapostos a fragmentos de novelas, séries e filmes de TV, vocalizados de forma exaltada pelos atores. Ao invés de personagens individualizadas, as peças de Pollesch são povoadas por uma “explosão de subjetividades” e os

sentimentos não constituem mais uma matéria interior do sujeito mas são situados “fora de si”, levando Simoni a reconhecer no teatro do dramaturgo alemão uma “atitude perceptiva centrifugal”. Para a autora, a performatividade do texto de Pollesch abre espaço para formas “alternativas de percepção”, possibilitando a incorporação de aspectos afetivos na experiência estética e na construção do conhecimento.

A performatividade textual, a polifonia e a ausência de uma narrativa totalizante da cena teatral são também investigadas por Julianna Rosa de Souza em seu artigo *Drama e pós-drama, humano e transhumano: elementos performativos em Roberto Alvim e Valère Novarina*. Para a autora, as obras dos dramaturgos francês e brasileiro caracterizam-se por uma escrita performática, não representacional, em que são exploradas as “possibilidades sensoriais da estrutura sonora da língua” (Novarina) e onde os limites do texto são friccionados. Aqui também nos deparamos com discursos polifônicos e descentrados, com o esfacelamento das personagens e sentidos flutuantes, que produzem zonas de desconforto para o leitor/espectador.

Em “*A realidade que resiste*”: a relação espectador-dança em *Trio A de Yvonne Rainer*, Mariana Patrício Fernandes debruça-se sobre a famosa coreografia de Rainer que explorava movimentos do cotidiano e rompia com o narcisismo e o caráter espetacular da dança ao evitar a troca de olhares entre dançarino e espectador. Segundo a autora, ao recusar o entendimento do corpo como “espelho de uma interioridade que se expressa através dele”, a coreografia de Rainer questiona “a própria noção de subjetividade socialmente constituída” e nega ao espectador “o lugar de autoridade interpretativa”. Para Mariana Patrício o trabalho de Rainer se constrói precisamente entre o impasse do movimento puro de Merce Cunningham e a ilusão cunhada pela modernidade de um sujeito/corpo autosuficiente que se movimenta independentemente do mundo ao seu redor. Assim como as peças de Pollesch, Novarina, Alvim e as encenações de Moacir Chaves discutidas nos artigos já citados, *Trio A*, configura-se na visão de Mariana Patrício como uma obra aberta, incompleta, que convida o espectador a “compartilhar da experiência de estar despossuído do sentido”.

Imagens de morte e lixo: Sartre, Müller e Kane, de João Cícero, explora a biopolitização do sujeito moderno, a partir da releitura da *Oréstia*

de *Ésquilo*, da *Medeia* de Eurípides e de *Fedra* de Sêneca levadas a cabo respectivamente por Sartre, Müller e Kane em *As Moscas*, *Margem abandonada* *Medeamaterial* *paisagem com argonautas*, e *O Amor de Fedra*, textos em que o sentido crítico do trágico na contemporaneidade se desvela na exarcebação do biológico na imagem humana, na sua progressiva animalização e na recorrência da figuração do lixo. O autor se apóia no conceito de vida nua desenvolvido por Agamben para pensar a nova concepção da condição humana presente na obra destes dramaturgos.

Em *Performance como design: a mediaturgia de Firefall de John Jesurun*, Bonnie Marranca examina o trabalho de Jesurun, um dos mais importantes artistas da vanguarda teatral norte-americana e propõe o conceito de *mediaturgia* para performances nas quais a mídia é parte inextricável tanto da dramaturgia quanto da cena e não apenas mera ilustração. Em sua análise de *Firefall* (2009), trabalho em que texto e cena são construídos a cada espetáculo por meio da internet, Bonnie Marranca discute a recusa de Jesurun em controlar o resultado do trabalho, isto é, em impor uma autoria, ao optar por uma estratégia textual aberta. Esta se manifesta no espetáculo por meio dos atores que atores navegam na internet, realizando buscas ou compras, abrindo janelas que se sobrepõem umas às outras num enorme telão, onde imagens pré-gravadas de monólogos são interpostas à imagens capturadas ao vivo dos atores em cena. Não há mais nem personagens definidos nem uma narrativa coerente, e mesmo as falas dos performers obedecem a padrões disjuntivos. Para a autora, a mediaturgia de Jesurun “demanda do elenco uma abordagem radical, flexível da performance, que não se baseia no trabalho com um texto estável” ao mesmo tempo em que confronta o espectador com um evento que se dá, simultaneamente, no espaço físico e no espaço virtual, privando-o do conforto de uma perspectiva fixa e oferecendo “apenas modos alterados de percepção do espaço e do tempo, imagem e texto, corpos e sua desapareição.”

Na seção *história em crise: questões de representação*, os ensaios de Danrlei Freitas e Laura Erber analisam obras emblemáticas de Marcel Duchamp e Henri Matisse revelando as passagens entre arte moderna e contemporânea e a pertinência da releitura dessas poéticas recusando as divisões dicotômicas que tendem a prevalecer no âmbito da crítica

contemporânea. Assim torna-se possível abordar as tensões entre figuração e abstração na pintura de Matisse como um ponto ainda inquieto de reflexão; e compreender a obra de Duchamp como fundadora de um olhar crítico que questiona a própria inserção da obra no campo da arte produzindo uma série de dúvidas e interrogações que ultrapassam o âmbito da arte moderna. O texto de Daniele Ávila complementa a discussão colocando em foco a teatralidade do trabalho de Jan Fabre como acontecimento que desestabiliza o olhar ao desfazer a linearidade da experiência museológica tradicional e o modelo de narrativa e historiografia a ele inerentes.

Na seção de intervenções as imagens em preto e branco do fotógrafo bielorusso Aleksei Kzantsev flagram figuras de edifícios semi-esvaziados, simultaneamente como observadores e objeto de curiosidade do olhar fotográfico, silhuetas ou pedaços de corpos surgem nos peitoris e nas janelas ao mesmo tempo distantes e íntimas. Em outra sequência – *Light Forms / Dark Forms* – Kazantsev fotografa formas incorpóreas e amorfas pousadas sobre uma paisagem de inverno que se torna enigmática. Na série *The Lovers* Ana Bernstein sugere relações entre objetos inanimados que podem ser lidos-vistos como poemas visuais. Do escritor chileno Andrés Ajens publicamos a íntegra do projeto de intervenção *Viagem a Santiago*. Por meio de subtrações, sequestros e rasuras no livro *Viagem ao México* de Silviano Santiago, Ajens desentranha um novo percurso, abrindo novos espectros de sentido num experimento que faz convergir leitura e escritura, desestabilizando a fixidez do texto impresso e a assinatura que o sustenta. Gisele Bastos em seus fotopoemas usa matéria perecível e objetos descartáveis combinando dejetos orgânicos e matéria textual. Os versos que escreve em cascas de fruta e embalagens vazias são também formas mínimas de pensamento, meio amargos, talvez cítricos, momentâneos, perecíveis e dessublimizados como os materiais em que se inscrevem. Em *Noturno da Janela*, de Claudia Chigres, vemos a mediação entre o corpo e os ruídos da cidade. Já André Gardel faz uma invocação a Orfeu.

Ana Bernstein e Laura Erber